

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JOCILENE SILVA CRUZ

**JOVENS DA PERIFERIA E O MOVIMENTO HIP-HOP: AS
CONTRIBUIÇÕES DO RAP NO PENSAMENTO CRÍTICO DA
JUVENTUDE DE AMARGOSA**

Amargosa/BA
2022

JOCILENE SILVA CRUZ

**JOVENS DA PERIFERIA E O MOVIMENTO HIP-HOP: AS
CONTRIBUIÇÕES DO RAP NO PENSAMENTO CRÍTICO DA
JUVENTUDE DE AMARGOSA**

**Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em Pedagogia, no Centro de
Formação de Professores (CFP) da
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
(UFRB), como requisito parcial para obtenção
do título de licenciada em Pedagogia.**

**Orientadora: Profa. Dra. Andreia Barbosa dos
Santos**

**Amargosa/BA
2022**

TERMO DE APROVAÇÃO

JOCILENE SILVA CRUZ

JOVENS DA PERIFERIA E O MOVIMENTO HIP-HOP: AS CONTRIBUIÇÕES DO RAP NO PENSAMENTO CRÍTICO DA JUVENTUDE DE AMARGOSA

Monografia defendida em 13/12/2022, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia, no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Tendo como membros da banca examinadora:

Profa. Dra. Andreia Barbosa dos Santos (Orientadora)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Profa. Dra Maria Euracia Barreto de Andrade
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Profa. Dra Luana Patrícia Costa Silva
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

RESUMO

A presente monografia, intitulada “Jovens da periferia e o movimento hip-hop: as contribuições do Rap no pensamento crítico da juventude de Amargosa” propõe um diálogo, a partir da escuta de jovens que compõem o movimento Hip Hop na cidade de Amargosa, mais especificamente Rappers, para percebermos as contribuições do Rap na formação crítica dos jovens da periferia da cidade de Amargosa, Bahia. Esta monografia é fruto de trabalho de pesquisa que aconteceu no período de 2019 à 2020. Foi estruturado a partir de uma abordagem qualitativa, com escuta sensível a partir de cursos de extensão nos quais jovens foram convidados a expressar suas experiências no Movimento Hip Hop e as contribuições do mesmo nas suas leituras de mundo e visão crítica da sociedade. O trabalho tem como referencial teórico os autores: Paulo Freire (1987), Jorge Hilton (2014), Ricardo Taperman (2015), Roberto Camargos Oliveira (2015) e Ana Lúcia Silva Souza (2011). A partir da pesquisa é possível dizer que o Movimento Hip Hop tem uma importância grande na formação crítica dos jovens da periferia.

Palavras-chave: Movimento Hip Hop; Contribuições do Rap; Formação Crítica.

LISTA DE ABREVIATURAS

CFP - Centro de Formação de Professores

COOAMA - Cooperativa de Agricultura Familiar e Economia Solidária

DJ – Disc Jockey

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

GEPA - Grupo de Estudos em Educação Popular e Agroecologia

GEPE - Grupo de Estudos Preparatório para o Enem

MC - Mestre de Cerimônias

MTV - Music Television

PM – Polícia Militar

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TECART - Associação de Trabalhadores da Educação, Cultura e Arte

UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
II – Caminhos e Descaminhos: alguns significados do Rap.....	11
III - Os Jovens e as Contribuições do Rap na Formação Crítica	20
IV CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32
APENDICE 1. SINTESE DAS TRANSCRIÇÕES	

I. INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem como objetivo apresentar os resultados de investigação acerca das contribuições do Rap na formação do pensamento crítico dos jovens da periferia da cidade de Amargosa, Bahia. A partir da escuta de jovens que compõem o movimento Hip Hop, mais especificamente Rappers.

Esta monografia é fruto de trabalho de pesquisa que aconteceu no período de 2019 à 2021. Foi estruturado a partir de uma abordagem qualitativa, com escuta sensível a partir de cursos de extensão nos quais as e os jovens foram convidadas e convidados a expressar suas experiências no Movimento Hip Hop e as contribuições do mesmo nas suas leituras de mundo e visão crítica da sociedade.

O trabalho tem como referencial teórico os autores: Paulo Freire (1987), Jorge Hilton (2014), Ricardo Taperman (2015), Roberto Camargos Oliveira (2015) e Ana Lúcia Silva Souza (2011). A partir da pesquisa é possível dizer que o Movimento Hip Hop tem uma importância grande na formação crítica dos jovens da periferia.

A pesquisa que deu origem à presente monografia surgiu através de algumas inquietações da trajetória pessoal, acadêmica e social da pesquisadora, autora deste trabalho.

Durante o percurso na escola o aprendizado foi gigante tanto na sala de aula como fora dela. Em 2008, quando cursava a sétima série do ensino fundamental, fui apresentada ao Rap e assim comecei a ouvir Racionais'mcs e mv Bill.

Foi possível perceber o quanto era um estilo musical discriminado, na escola, por professores que diziam ser músicas de marginais e em casa pela família. Sempre escutava por divisão ou até como forma de revolta, por ser um ritmo taxado com “proibido”, mas ir aprendendo as letras, cantar com os amigos e conversando sobre com os colegas iam fazendo com que fosse-nós associando as músicas com as coisas que aconteciam com os jovens nos bairros periféricos da cidade. Por estar em bairro periférico, é possível enxergar a violência de perto e o descaso com as pessoas pobres e moradores desses bairros.

Em 2015 após concluir o ensino médio, surge a vontade de fazer algo e não parar por ali e aí que uma amiga me falou de um “Cursinho para o ENEM”, então fui

fazer a inscrição e comecei a participar do Grupo de Estudos Preparatório para o Enem (GEPE) no Programa de Extensão Tecelendo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O grupo não é no modelo tradicional de cursinho pré-vestibular, pois vai além de estudar os assuntos necessários para a prova, o projeto trabalha para contribuir com a formação do ser crítico e assim estudar as temáticas, olhando também para o lugar em os participantes estão e assim ir construindo novos caminhos.

“Quero ser a primeira da família a cursar o ensino superior!” Entrar na universidade e chamar a comunidade para fazer parte dessa caminhada é um ponto em que o grupo chama, de um jeito que o indivíduo se olhe e olhe para o seu povo com um olhar sensível e ao mesmo tempo com força para se desprender dos padrões que estão sendo impostos na sociedade, e com isso ir construindo novos caminhos com autonomia e assim fortalecer e ir chamando mais pessoas da comunidade para ocupar os espaços nas universidades que é um direito.

Os assuntos estudados foram construídos no coletivo, educadores e educandos colocando sugestões e produzindo para os momentos de troca de conhecimentos. Nos encontros foram usados diversos materiais como livros, filmes, músicas e etc. No GEPE as educadoras usavam letras de rap como “Diário de um detento”, “A vida é um desafio” e “Negro drama” do grupo Racionais mc’s em suas práticas pedagógicas. Estudar a música “Diário de um detento” junto ao filme Carandiru (2003), discutir e construir trabalho a partir das obras foi incrível e foi um ponto determinante para minha vida como estudante e futura profissional, pois estudar a partir da Educação Popular é fundamental para que mantenha a vida conectada com o intelecto.

Discutir sobre a relevância da educação dos jovens nessa sociedade tão desigual, ouvindo os sonhos e as perspectivas futuras dos jovens sem fugir da realidade. O ponto que chamou mais minha atenção foi que dar pra estudar e não ficar preso ao padrão tradicional de ficar estudando em fileiras e apenas reproduzindo o que está nos livros didáticos

O GEPE trás maneiras que acolhe e mostra que estudar não precisa ser cansativo e pode ter sim momentos prazerosos. Escrever redações, criar vídeos, ler livros, assistir filmes, ouvir músicas e etc. Além de mostrar como é fazer parte da Universidade, antes de ingressar em cursos do Ensino superior. E o GEPE como projeto no Tecelendo desde

2011 faz esse trabalho de aproximar os jovens das comunidades de Amargosa a se aproximar da Universidade.

O Tecelendo é um programa de extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no Centro de Formação de Professores (CFP) no município de Amargosa-Ba. Construído com o intuito de trabalhar a Tecelagem; alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos e a formação de educadores. A partir das filosofias inseridas na Educação Popular e seguindo os passos do educador Paulo Freire.

O Tecelendo começou como projeto de Extensão no ano de 2008 e a partir dos trabalhos realizados com as comunidades rurais e urbanas, foram surgindo novas demandas de trabalhos e assim em 2014 o Tecelendo se tornou programa de extensão. Está organizado a partir de três vertentes principais: 1) alfabetização de Jovens, adultos e idosos; 2) Formação política e trabalhos educativos com jovens e adultos e idosos e 3) formação de professores a partir da Educação Popular.

O programa consegue abranger muitos pontos como a Educação Popular, Agroecologia, Artesanatos e Economia Solidária. A partir do trabalho com a tecelagem foram surgindo novos questionamentos e sugestões que fortaleceram a discussão sobre autonomia financeira e assim construir um coletivo em que busca a independência do grupo e não de apenas uma pessoa e assim nasceu a Associação de Trabalhadores da Educação, Cultura e Arte (TECART) que trabalha a partir do princípio da emancipação do trabalhador e o fortalecimento da economia solidária.

O Tecelendo tem parceria com vários coletivos como o Núcleo Carolina Maria de Jesus, a Associação de Trabalhadores da Educação Cultura e Arte (TECART), o Grupo de Estudos em Educação Popular e Agroecologia (GEPa), Cooperativa de Agricultura Familiar e Economia Solidária – COOAMA e Pet Educação e Sustentabilidade.

A participação no grupo foi intensa, pois além de explorar o que já é estudado, traz novas perspectivas e modo de pensar e agir. .

No capítulo 2, Art. 6º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 diz “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”. Nas periferias podemos perceber a precariedade no que diz respeito a efetivação dos direitos básicos

que conquistamos. Nossa sociedade exclui quem não está nos padrões econômicos e raciais imposto pela mídia e uma minoria que possui a grande parte dos recursos financeiros do país. O rap é um dos recursos utilizados para denunciar a forma desumana que a população negra periférica sofre durante toda a história do Brasil.

Desse modo, o questionamento principal desta monografia é: de que maneira o Rap contribui no pensamento crítico dos jovens na cidade de Amargosa/BA? No quadro teórico desta monografia assumimos como referenciais autores consagrados na academia, bem como, pessoas que não são acadêmicas, mas são produtoras de conhecimentos: Paulo Freire (1987), Ana Lúcia Silva Souza (2011), Roberto Camargos Oliveira (2015), Helena Wendel Abramo (1997) e MCs.

II. Caminhos e Descaminhos: alguns significados do Rap

Na sociedade atual nosso comportamento é influenciado por diversos elementos artísticos e as expressões musicais são uma delas. Para iniciar os estudos relacionados ao rap é necessário buscar o contexto histórico e alguns significados, assim como várias coisas o rap não tem apenas um significado ou uma história.

Jorge Hilton traz em seu livro uma explicação sobre o Hip-Hop pensando numa perspectiva filosófica.

Hip-Hop é uma manifestação de caráter sociopolítico que se desdobra entre cultura e movimento. De origem nas camadas populares, e é composto por cinco elementos, dos quatro são artísticos (música Rap, Dança de Rua, arte mural do Graffiti e o Dj) agregados por um elemento central: o conhecimento. (HILTON, Jorge; 2014, pág.13).

O Rap é descendente do Hip hop, movimento composto pela dança, o grafite, o DJ e o c, ritmo que predominou nos bailes das periferias. A história mais conhecida do hip hop é que o movimento teve início em Bronx, bairro pobre de Nova York nos anos de 1970 como forma de expressar a resistência dos jovens negros de bairros periféricos.

O Rap pode ser definido de várias maneiras, como a sigla de “Rhythm and poetry” que significa “Ritmo e Poesia”. Para alguns seria a sigla para “Revolução através das Palavras” ou “Ritmo, Amor e Poesia”. O estilo musical que tem reconhecimento mundial e contribui para a cultura.

Existe também pessoas que defendem que o rap é oriundo das savanas africanas, acredita-se que surgiu a partir das narrativas dos mestres Griôs. Os Griôs são líderes que tem a sabedoria espiritual, são contadores de histórias, seguem a tradição de passar os seus conhecimentos relacionados à cultura e ensinamentos de sua comunidade através de histórias orais.

O Brasil tem uma história longa no que diz respeito à música, pois é construída a partir de grandes tradições musicais. O rap surge no Brasil nos anos 1980, inicialmente nas grandes periferias da cidade de São Paulo com intuito denunciar a violência social. Cantando as condições vividas pela população periférica, situações de miséria, racismo, tráfico de drogas, violência policial entre outros.

Ricardo Teperman traz em seu livro, relatos de que nos anos de 1970 já existia a palavra RAP no dicionário inglês. “Entre os sentidos mais comuns, queria dizer algo como “bater” ou “criticar”.” (TEPERMAN, Ricardo; 2015, pág.13). Completa trazendo

experiência relatada no livro de H. Rap Brown um dos líderes do grupo e ativista do movimento negro.

No livro, ele conta suas memórias de infância, quando brincava na rua com amigos do bairro. Uma das brincadeiras mais frequentes era um jogo de desafios verbais conhecido como the dozens [as dúzias]. Nele, as crianças se provocavam com os insultos mais odiosos que podiam conceber, muitas vezes envolvendo a mãe do oponente. Mas os insultos deviam ser construídos com rimas, essa era a graça. As dozens são desafios tipo “trava-língua”, com tiradas espirituosas e picantes. (TEPERMAN, Ricardo; 2015, pág.13).

As rádios brasileiras foram uma das ferramentas que mais contribuiu para a repercussão do ritmo, pois conseguia chegar a todos os estados do país.

Na Bahia, o rap começa a se tornar mais conhecido no ano de 1991 quando os primeiros grupos ganham força de expressão. Inicialmente com o Break & Cia - grupo integrado por duas pessoas cantando e dez dançando. Pouco tempo depois continuou apenas com grupo de rap.

Na trajetória do rap é possível perceber que o ritmo passou por processos evolutivos, desde o princípio até os dias atuais. É forte no que diz respeito à arte como meio de luta para denunciar e contestar as repressões e violências sociais.

Ao falar do rap no Brasil é necessário saber o que rappers tem a dizer sobre porque eles fazem rap e os significados.

Os grupos usam as músicas como forma de denunciar às condições em que vivem, as violências diárias, a discriminação racial, a falta de perspectivas. Saber o que alguns indivíduos que estão em contato direto com o rap têm a dizer sobre os significados e suas perspectivas em relação ao movimento.

As formas de resistência do povo hoje são reflexos de muitas histórias sobre o passado. Através da caminhada conseguem fazer ações políticas que escrevem e efetivam histórias em que os protagonistas muitas vezes são poucos reconhecidos na nossa sociedade e mesmo assim continuam na busca por melhorias no que diz respeito às necessidades sociais e culturais dos indivíduos.

Neste trabalho ouvimos alguns desses artistas. Porém, antes de trazer esses sujeitos de diálogos, cabe destacar alguns Rappers de destaque em nosso país. Cada um fala do significado de rap para si de acordo com sua visão, pois apesar de terem

experiências muitas parecidas, fazem reflexões diferentes a partir do que se sentem à vontade.

A rapper, produtora, modelo e apresentadora brasileira, Karol Conka usa a música para falar sobre os direitos das mulheres. Ela acredita que o rap tem um conjunto de significados, o primeiro quer dizer “libertação que é eu me sentir à vontade pra falar o que eu queria e outros estilos musicais eu jamais deveria falar de temas como eu falo no rap pra mim é libertação”. Para ela o rap consegue acolher e a pessoa consegue expor o que se identifica e contribui com outras pessoas, “a segunda, coração, terceira uma responsabilidade muito grande, rap é religião, na realidade é um tem aquela religião que o pessoal segue puro e tem aqueles que só curtem e tal, o rap é isso é uma religião”. Percebe-se que entre a explicação há relação sentimental e no que diz respeito à responsabilidade comparando com algo religioso mostra que é bastante significativo.

Seguindo com as explanações, o rapper Red NEGGAZ Motim fala de suas interpretações sobre o rap.

Faz o olho brilhar mesmo depois que você começa entender toda essa parada e você tipo escreve começa a ver que quanto mais você escreve melhor você fica e você consegue retratar suas angustias, seu desespero, sua raiva do mundo, enfim rap é foda, rap é uma música mil grau memo... É pra nós fazer hoje e ser estudada no futuro, saca?
(Red Neggaz)

Red Neggaz explica como consegue se sentir melhor produzindo arte e fala da relevância dessa escrita que contribuirá para outras pessoas. Já o rapper Heli brown diz que “O rap ele veio e me ensinou muito tá ligado? Aquele conselho que o pai não chegava o rap me deu esse conselhos.” Ele apresenta que a partir do que já estar construído, o rap vem e ensina, quando ele traz o rap como uma referência de pai dando conselho assimila com algo responsável que tem valor.

De acordo com essas falas podemos perceber que para as pessoas que estão em contato com o rap vai além de cantar músicas. Requer estudos e consciência social. Heli Brown completa: “O rap me disse assim, mano vai estudar mais, vai ler mais, vai se integrar mais, vai saber mais sobre as coisas, não deixa ninguém te rebaixar. Você tem potencial, você pode ser alguém.”

O rap contribui para a formação de quem faz e também de quem escuta, nos dias atuais conseguimos ter contatos com alguns entendimentos, porém ainda há pessoas que possuem dificuldades de entender ou ter contato com algumas informações que é de

grande relevância para um pensamento crítico social. Para Garcez Dirty lion do coletivo Kzer o alternativo diz que: É uma ferramenta que nos dá possibilidade de levar informação pra mais gente que as vezes tem preguiça de ler um livro ou não tenha acesso a informação básica tá ligado? E eu acho que o rap é uma ferramenta de transformação.

No momento a seguir trataremos de como realizamos momentos de escuta sensível com jovens rappers da cidade de Amargosa. Os caminhos metodológicos do trabalho precisaram ser traçados em novas estratégias visto a pandemia do COVID-19.

2.1 O caminhar, diálogos e reflexões suscitadas

Por conta da pandemia do COVID-19, precisamos nos reinventar enquanto pessoas e enquanto pesquisadoras, assumindo o jovem enquanto sujeito social, pudemos assim construir uma via metodológica de diálogo com os mesmos que nos possibilitasse ouvi-los de forma sensível e percebê-los enquanto agentes propositivos inclusive neste momento pandêmico.

Antes de dar início à discussão do jovem e sua conexão com o rap é de grande relevância falar dele como sujeito social. Para seguir a pesquisa é necessário estudar a sociedade atual e relacioná-la com os jovens, principalmente para conhecer quais elementos históricos e sociais influenciaram a juventude e quais são as características que os tornam sujeito social. Juarez Dayrell (2003) faz reflexão a partir do que Bernard Charlot (2000) diz a respeito do que é sujeito social.

Assim, concordo com Charlot, quando afirma que todo ser humano é sujeito. Mas temos de levar em consideração que existem várias maneiras de se construir como sujeito, e uma delas se refere aos contextos de desumanização, nos quais o ser humano é “proibido de ser”, privado de desenvolver as suas potencialidades, de viver plenamente a sua condição humana. Dayrell (2003 p.43)

Como os jovens são vistos na sociedade? Quais são as políticas públicas destinadas aos jovens? É necessário fazer o apanhado de como o jovem está sendo visto na sociedade e o que está sendo proposto a ele. Para Helena Wendel Abramo as atividades proposta para jovens são relacionadas apenas a problemas “todo debate, seminário ou publicação relacionando esses dois termos (juventude e cidadania) traz os temas da prostituição, das drogas, das doenças sexualmente transmissíveis, da gravidez precoce, da violência” (1997 p.28). Esses temas são importantes discutir, porém como

os jovens poderão construir pensamento e ações favoráveis perante a sociedade se a todo o momento o que se discute sobre a juventude é algo ruim.

O Brasil tem as suas leis entre elas, no capítulo 2, Art. 6º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 diz “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”. É possível perceber a precariedade na efetivação dos direitos básicos que conquistamos ao longo da construção desse país.

No que diz respeito a aquelas que são específicas para os jovens no capítulo II da lei Nº 12.852, de 5 de Agosto de 2013. No artigo 4º diz: “O jovem tem direito à participação social e política e na formulação, execução e avaliação das políticas públicas de juventude”. Quais jovens vivem e usufruir desses direitos? Vê o rap como uma forma de expressar a criticidade dos jovens principalmente os da periferia em relação ao descumprimento das leis. Nossa sociedade exclui quem não está nos padrões econômicos e raciais imposto pela mídia e uma minoria que possui a grande parte dos recursos financeiros do país. O Rap denuncia essas exclusões. O grupo musical Racionais mc’s em uma de suas músicas denuncia a forma desumana que a população periférica sofreu na década de 90.

Menores carentes se tornam delinquentes
E ninguém nada faz pelo futuro dessa gente
A saída é essa vida bandida que levam
Roubando, matando, morrendo
Entre si se acabando
Enquanto homens de poder fingem não ver
Não querem saber
Faz o que bem entender
E assim... aumenta a violência
(Racionais mc’s,1990).

A letra traz argumentação de que é necessário trazer questões como a marginalização do povo preto e as condições em que estão inseridos. A música consegue trazer questionamentos, o porquê de a população preta é passada para trás e o porquê isso acontece e o pode melhorar indivíduos possam entender o porquê de seus processos de exclusão. Essas letras trazem em si conhecimentos a partir das vivências do povo pobre e a mensagem de que como construir um futuro e viver uma vida é

possível e necessário continuar a luta por uma sociedade mais justa para os que não estão nos padrões econômicos e raciais.

Na nossa sociedade muitas vezes ao falar de negros, moradores de bairros periféricos o intuito é marginalizar esta população, por isso é necessário que tenhamos discussões e intervenções que falem e exponha as nossas histórias. Há resultados das ações políticas de um povo cuja história, sujeitos e protagonistas ainda é pouco reconhecida na nossa sociedade.

Em entrevista ao canal de televisão MTV, o rapper Kí Jay do grupo musical Racionais mc's afirmou: "O Rap é o quilombo do ano 2000" . Apesar das transformações sociais ao decorrer dos anos é oportuno falar da significância que essa frase trás, pois trazer o quilombo como referência é muito relevante pois um espaço que surgiu como refúgio para promover a autonomia de um povo, que apesar dos avanços sociais ainda luta por uma sociedade mais justa.

"Há a defesa de que por meio do rap e dos sentidos produzidos se educa, se conscientiza, se subverte, se aconselha, se une." (SOUZA, Ana Lúcia Silva; 201, pág. 121). O trecho fala como o rap pode contribuir como método educacional, pois em suas letras na maioria das vezes foca na realidade da sociedade, apontando as realidades vivenciadas por parte dos estudantes.

Souza ao analisar o trecho de uma letra de rap destaca de que forma o rap pode ser importante e contribuir com o aprendizado que vai além da sala de aula.

O rap ao narrar as experiências escolares cotidianas, destaca rua como um lugar de aprender, pois "falta de informação .Sobre sua cultura que foi ignorada/ a história do negro na escola não é contada. Fora da sala de aula procuram informação/ a conclusão se vê na biblioteca invasão! (Linhas 8 a 12). A letra expressa que sujeitos, não encontrando sentidos na cultura escolar que os exclui , vão para rua em busca de algo que possa trazer significados para suas vidas. (SOUZA, Ana Lúcia Silva; 2011, pág. 122)

Em espaços de ensino como a escola há uma necessidade de discutir a cultura e o contexto em que o aluno está inserido, pois nas discussões eles podem associar com a cultura local e até mesmo estratégias para melhorar a comunidade.

Souza destaca "Muitas práticas letradas valorizadas pelos ativistas se deram em ambientes não escolarizados, sem que isso significasse aversão à educação escolar ou ao valor que ela pode ter." (SOUZA, Ana Lúcia Silva; 2011, pág. 96).

O interesse em provocar cada indivíduo para pensar criticamente e ter melhor noção sobre a nossa sociedade, onde as minorias são donos das maiores riquezas e a maioria empobrecida economicamente e preta sofre as consequências do período da escravidão até os dias atuais.

Nessa perspectiva foi que assumimos a pesquisa de cunho científico e qualitativa, como afirma Antônio Joaquim Severino (ano p. 106) “a ciência se constitui aplicando técnicas, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos”. O trabalho de pesquisa que resulta nesta monografia foi desenvolvida no município de Amargosa-BA. Iniciamos assim com consultas a estudos sobre a temática central.

Sendo de caráter qualitativo, a pesquisa assumiu inicialmente uma perspectiva participativa, tendo o diálogo como eixo central. Pensamos inicialmente em entrevistas como um dos instrumentos para coleta de dados, porém precisamos recuar diante do quadro da pandemia. Nesse sentido, foi necessário repensar as estratégias e buscar ações que não nos fizessem perder o diálogo com os sujeitos.

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p. 45).

Freire fala da importância do diálogo como a troca de conhecimentos e não de que apenas um “deposita” o que sabe e o outro fique manipulado apenas ouvindo. É possível ver o dialogo proposto como uma porta aberta para esse tipo de pesquisa, pois em escolas e universidades muitas vezes privilegia apenas alguns diálogos deixando de lado algumas temáticas importantes.

Assim, pensamos em um formato de interação com jovens de periferia onde eles pudessem se movimentar e pensar questões acerca do tema central sem colocar a vida de ninguém em risco. Foi ai que surgiu o projeto do curso, foi construídas rodas de conversas ligadas ao Movimento Hip Hop e com aprofundamento no Rap. Tiveram algumas etapas como o período de inscrições, divulgações e pra dar continuidade ao planejamento aconteceram às rodas de conversa.

Após ter um projeto aceito em um programa da UFRB, organizamos rodas de conversas para dialogar com a juventude da cidade de Amargosa-Ba. A atividade

construída foi “Ciclo de debates: Jovens da Periferia e o Movimento Hip-Hop: as contribuições do Rap na formação crítica da juventude”, o mesmo tema que o projeto de pesquisa.

Durante a organização dos encontros, conseguir visitar dois encontros presenciais da “Batalha na Pista”, atividade em que os MC’s duelam através de rimas, ocorre semanalmente na Pista de skate no bosque da cidade de Amargosa.

Com o período de pandemia os encontros aconteciam virtualmente, mas durante o período em que estava organizando os ciclos de debates, conversei com um integrante da “Batalha na pista” e eles estavam organizando o retorno dos encontros presenciais.

Os ciclos de debates tinham a mesma temática que o projeto de pesquisa para que a partir dos encontros pudessem coletar dados para o andamento do TCC. Por conta da pandemia, os ciclos precisaram ser online, para preservar a saúde dos envolvidos.

O intuito do projeto foi ouvir jovens que estão envolvidos com o Rap na cidade de para contar sua história, suas vivências e de qual forma o Rap contribui na sua vida. Os jovens que participaram do Ciclo de debates foram os que fazem parte do coletivo ‘Batalha na pista’.

Na organização do Ciclo de debates dividimos em três encontros e cada qual com uma temática. O primeiro foi racismo, o segundo machismo e o último o tema foi marginalização, sabemos que são temáticas com muitas questões envolvidas e conectadas. O intuito foi conversar e ouvir quais as questões que é possível ver no movimento Hip hop na nossa cidade.

O racismo foi bastante citado durante as falas nos encontros, sobre as letras de músicas e sobre as vivências da juventude que está envolvida no Rap. E como as letras, as pessoas, os coletivos são marginalizados. Ao falar de Rap foi necessário trazer a questão feminina, para buscar as indagações nas letras das músicas e como estar sendo o lugar da mulher no movimento Hip Hop e no Rap.

Sendo assim, o diálogo de pesquisa que resulta na presente monografia é com jovens na faixa etária de 15 à 29 anos. As pessoas envolvidas no curso possuem relação direta com o rap seja por meio de rodas de rap ou até mesmo por ouvir o ritmo musical. O intuito é de aprender de que forma o rap se relaciona com a realidade, social, política, cultural e econômica dos indivíduos.

III – Os Jovens e as Contribuições do Rap na Formação Crítica

Os jovens na roda trouxeram várias contribuições. O diálogo com jovens para perceber as contribuições do rap na formação crítica me colocou diante de várias questões. Abaixo apresento a síntese dos diálogos os com jovens.

Utilizamos várias maneiras de movimentar nossos pensamentos, sentimentos, sensações e situações. E a arte está nas nossas vidas desde quando nascemos, ela nos influencia e nos possibilita usar a criatividade para expor e materializar o que está em nós. Eu escrevia poesia, mas não colocava esse pensamento crítico social dentro das minhas poesias, era uma coisa mais intimista, mais relacionada a angústia minhas, sentimentais, pensamentos, essas coisas. Nada voltado pro mundo externo especificamente. (Neuronego, 2020)

O Rap consegue nos mostrar qual contexto social, político, econômico e cultural o Brasil foi construído, as fases de cada período e como os acontecimentos desde o período escravização refletem em nossa sociedade até os dias de hoje.

Cada um tem uma maneira de encontra-se com a arte pode ser através da música, poesia, dança, desenho, pintura, escultura, fotografia e etc. Quando se fala do Rap o grupo Racionais Mc's consegue conecta-se com todas as vertentes, por ser um dos primeiros grupos aqui no Brasil e que se tornou referência mundial.

Conheci a partir de Racionais Mc's, acho que como todo mundo aqui que curte Rap. Fui escutando e aí fui criando gosto e me ajudou bastante nesse processo, porque você começa pegar visão das letras, começa a gostar, querer fazer também, sempre gostei de rimar, brincava com os meus amigos na escola de rimar um gastando o outro. (Jalu, 2020)

Eu venho dessa de consumi o rap, desde muito tempo, na semana passada eu tava dizendo isso. Eu fui apresentada ao Rap pelo meu irmão, há muitos anos me apresentando Racionais que era um grupo masculino que eu ouvia muito e gostava demais, mas tem coisas que a gente conforme vai caminhando, com o tempo a gente vai entendendo algumas coisas. (Bete, 2020)

A partir do contato com os Racionais, a partir dali que eu fui desarmando as coisas foram acontecendo eu fui escrever, treinar, cantar o rap e comecei a consumir mais outros rappers além de racionais, Sabotage depois Mv Bill que era o que eu ouvia com mais frequência e a desvendar e a sentir essa vontade também de ser mc e aí foi quando eu fui pra Amargosa que eu realmente entrei em contato com a cultura Hip Hop. (Neuronego, 2020)

O Rap vai além de um grito político é também um movimento que consegue resgatar e elevar a autoestima de jovens, mulheres e homens. Tanto fisicamente, quanto intelectualmente e assim construindo histórias e modos de vida.

“Eu comecei assim, escutando Rap mesmo, fui gostando entendendo como funciona e mudou bastante na minha vida, porque mudou né? Muda tudo, o Rap salva, o HipHop salva. Mudou em eu ter pegado outras visões que eu não tinha, tá ligado? Hoje meu pensamento ele é bem mais construído, bem mais assim, na linha mesmo é por causa do Rap que eu busco mais conhecimento, por causa do Rap eu busco ter mais contatos com as pessoas, por causa do Rap eu ajudo outras pessoas, então me deu outra visão de mundo, outra visão do que fazer, qual é o meu papel aqui. Eu agradeço demais ao Hip Hop porque o Hip Hop salva.” (Jalu,2020)

O Hip hop me ensinou que também tem esse plano que não é só o plano concreto aqui da vida social de olhar as práticas que tem esse plano espiritual que vem da nossa ancestralidade e do nosso passado que vem da nossa ancestralidade e do nosso passado que a gente precisa cuidar, porque é refletindo sobre o passado que a gente entende o presente e que nos motiva as nossas ações pra modificar o futuro. (Neuronego,2020)

O movimento Hip hop com toda sua amplitude, vai além de construir pensamento crítico é construir filosofias de vida, da arte e da espiritualidade. É autoconhecimento e reconhecimento da caminhada e de ir se constituindo como ser humano. E Neuronego traz: “Eu falo vida é no sentido geral psicologicamente, fisicamente, intelectualmente se unir de tudo que é preciso é isso que o hip hop vai trazendo pra mim nesse tempo todo em que eu tô incluso na cultura” (Neuronego, 2020)

Como diz Rincon Sapiência em uma de suas músicas “Se o padrão é branco, eu erradiquei, o meu som é um produto pra embelezar”. O movimento é construção, é fazer se olhar além do que esse sistema tenta nos limitar, são processos de construção e reconstrução na essência.

Por mais que a gente se olhe no espelho que é o meu caso. Por mais que eu olhasse no espelho e soubesse sim ser mulher negra, isso não significa que eu tinha a consciência de tantas coisas e de tantas opressões e de tantos incômodos que aconteciam na minha vida que eu não fazia ideia que eram. Você sempre fica naquela, como é aquela que a gente dizia nos anos 90? É o racismo velado e hoje a gente sabe que não é racismo velado e sim estrutural, além de ser estrutural eu sei que eu estou na base, eu sou mulher preta e mulher preta, está na base e não é pra ela está em alguns lugares. (Bete,2020)

Vivemos em um país que foi construído e vem sendo organizado na base da violência, seguindo um roteiro de violência para grupos específicos, ou seja, pobres e pretos que estão espalhados pelas periferias e subúrbios do país. E o Rap chega ao Brasil após 21 anos de Ditadura militar no país, regime que traz inúmeras consequências e uma delas é a polícia militar, agentes que continuam operando procedimentos que são executados apenas com os pobres.

Recebe o mérito a farda que pratica o mal
Ver o pobre preso ou morto já é cultural
Histórias, registros, escritos
Não é conto nem fábula, lenda ou mito
(Racionais MC's, "Negro Drama")

Ao longo dos anos foi possível perceber que o crescimento dessa violência policial é gritante e um dos primeiros temas que surge nos Ciclos de Debates foi a violência policial, quando um dos jovens declama a letra de uma música e faz relação com o trabalho policial e explicou que a música é de um rapper que vive em contexto de marginalização na periferia de Salvador- Bahia.

Eu lá embaixo com os parças
Trampando, trampado dando trampo pros fardas
Senhora coloca as crianças pra casa
Se a viatura vira a esquina nosso habitat vira faixa de gaza
Meu coração uma trincheira
(Dark Mc, "A voz de um pregador")

Álbuns, músicas e pensamentos são colocados para expor o que tem acontecido, genocídios planejados que acontecem todos os dias contra as comunidades periféricas e é a partir dessas situações que o povo teme a polícia e Neuro diz:

Uma das situações dessa letra já aconteceu aí em Amargosa, por exemplo. Eu estava em determinada quebrada de Amargosa com os parceiros e pá, movimentação na rua. E aí essa frase: "Quando a viatura dobra a esquina nosso habitat vira faixa de gaza, ele fala: - senhora coloca as crianças pra casa". Nós estávamos tudo na rua tomando cerveja e batendo resenha, gritaram na esquina: Lá vem os homens, você vê a rua limpa de gente, correndo pra pegar criança, tirar os idosos da rua. De crente e ateu, drogado e traficante, ladrão e todo mundo some. As pessoas elas se sentem mais seguras em tá no meio de traficante armado, ir pra baile funk com traficante armado. Mas as pessoas não se sentem seguras quando a polícia bota o pé dentro da favela, sabe que a polícia não vai pra lá pra defender ninguém e Dark é uma das vítimas desse sistema policial. (Neuronego, 2020).

O estado de acordo com a constituição tem o dever de proteger a população, e o Rap primeiro vem com o intuito de fazer com que a comunidade periférica consiga refletir e consiga e ver o porquê esses extermínios acontece. Compreendendo que esses “incidentes” tem a aprovação de parte da sociedade que acredita que as pessoas da periferias são marginais e que policia está fazendo apenas seu trabalho. E Neuronego fala: “Desse estado que a gente tem e que acha que segurança se resume a polícia na rua, mas não há investimento em educação, em saneamento básico, arte, e cultura nas periferias e em outros contextos em que a juventude negra tá colocada pra sobreviver, tá ligado? Eles não investem em educação, não investem em cultura, mas investem em polícia”. (Neuronego,2020).

Desde a implantação dos governos Neoliberais no Brasil a intenção não é de governar para melhorar as condições de toda a população, mas para beneficiar apenas a elite, enquanto o pobre e periférico sofre nesse sistema capitalista e genocida. Teve alguns governos que avançaram no que diz respeito a questão da fome e a miséria, mas o sistema policial continua com o mesmo plano o extermínio da população preta.

E Neuro traz como exemplo um a caso que aconteceu no dia 07 de abril de 2019, quando um carro com uma família negra foi fuzilado por militares do Exército, no bairro de Guadalupe, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Dentro do carro estavam: Evaldo Rosa dos Santos, 51, sua filha de apenas 7, sua sobrinha de 13, sua esposa e seu sogro. De acordo com as informações do caso a entidade militar responsável disse em nota que os militares agiram sob “legítima defesa” e que os militares do Exército que mataram Evaldo pois confundiram o carro com o de assaltantes. Em sua fala ele diz: “A polícia ela é intocável dá oitenta tiros no carro, isso é a segurança pública brasileira, dar oitenta tiros no carro de oitenta tiros no carro de um músico e todos e todos os policiais serem absorvidos. O cara morreu, uma filha ficou órfã, viu o pai morrer na frente dela inocente com oitenta tiros, desarmado, dentro do carro dele e ninguém foi punido quanto a isso, é isso que se chama segurança pública no Brasil.”(Neuronego,2020)

Lembremos que não é um caso, são vários em que a policia mata e em suas versões diz que foi em conflito. Em uma de suas músicas o rapper Djonga traz em sua música:

Perguntam se eu não me arrependo do que tenho dito
Mas não se arrependem de Jenifers, Kauãs e Ágathas

Nós aqui carregando o peso do mundo nas costas
Por coisa que nem o peso na sua consciência paga (Djonga, hoje não (2020)

Nesse trecho ele traz o nome de três crianças que foram mortas e os casos teve grande repercussão, a primeira vítima citada na música é Jenifer Silene Gomes de 11 anos, foi baleada no peito e morreu no dia 14 de fevereiro de 2019, Zona Norte do Rio de Janeiro. A menina estava na porta brincando com outras crianças na porta do bar de sua mãe quando foi atingida pelo tiro, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Moradores da região acusam policiais militares de serem os autores dos disparos. Em seguida fala de Kauã Mendonça de 13 anos, levou um tiro de fuzil da PM durante suposta troca de tiro no dia 03 de agosto de 2019, no Itaboraí Região Metropolitana do Rio de Janeiro. E a menina Ágatha Vitória Sales Félix, de 8 anos, foi morta quando voltava para casa com a mãe, na noite de no dia 20 de setembro de 2019, no Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio. Segundo a Polícia Militar houve confronto, mas a população que estava no local disse que foi apenas dois disparos vindo do PM que atingiu o carro que a criança estava.

Tive que ouvir que eu tava errado por falar pro ceis
Que seu povo me lembra Hitler
Carregam tradições escravocratas
E não aguentam ver um preto líder
Eu devolvi a autoestima pra minha gente
Isso que é ser hip-hop
Foda-se os gringo que você conhece
Diferencie trabalho de hobbie
Os irmão me ofereceram arma
Ofereci um fone
Cada um faz suas escolhas
Pra não passar fome
Pro destino ofereceram a alma
Foram sujeito homem
E quando eu penso em julgar
O silêncio me consome (Junho de 94- Djonga)

Na introdução da música “Capítulo 4, Versículo 3” lançada pelo grupo Racionais Mc’s no ano de 1994, no álbum sobrevivendo ao inferno.

O grupo traz algumas informações sobre o povo preto, externando as dificuldades e mais uma vez denunciando o genocídio da população periférica. A BBC News Brasil fez uma pesquisa para saber como estavam essas informações 22 anos depois que a música foi lançada:

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais
Já sofreram violência policial
A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras
Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros
A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo
Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente (Racionais Mc's)

A pesquisa foi lançada no ano de 2018 e o único dado que não conseguiram coletar foi o do primeiro trecho da música em que diz sobre os jovens de periferia sem antecedentes criminais sofrer violência policial, não há dados específicos, mas conseguimos perceber se mudou 22 anos depois?

O próximo trecho fala que a cada quatro jovens mortos pela polícia, três são negros. Ainda sobre os dados coletados pelo BBC News, no ano de 2015 e 2016 essas mortes totalizam 4.254 boletins de ocorrência, ou seja 78% de mortes decorrentes de intervenções policiais em São Paulo. Esses dados foram analisados no Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Quando se fala do Brasil fica na mesma margem com 76,2% aproximadamente 3,240 pessoas negras, enquanto brancas foram 22,6% totalizando 963 pessoas.

Terceiro trecho diz que a cada quatro horas, um negro morre violentamente em São Paulo. Segundo a matéria em São Paulo, São Paulo nos anos de 1990 vivia em um período mais violento que em 2016.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública em 2016, esse número teve uma queda de 10,88 em 21 anos, totalizando 69%. E de acordo com o DataSUS, do Ministério da Saúde, 2,05 pessoas por dia são assassinada em São Paulo e a cada quatro horas 0,34 jovens negros tem sido morto.

No quarto trecho destacado diz que nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros. O percentual referente a jovens negros no ensino superior teve grande avanço e segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018, 50,3% dos estudantes universitários eram negros. E esse percentual aumentou a partir de 2005 quando foram lançadas novas Políticas Públicas para a população pobre, cotas em Universidades Públicas e programas de bolsas e financiamentos estudantis como o Programa Universidade Para Todos (Prouni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies).

Não é possível falar de Políticas Públicas e o ingresso de pessoas pretas no Ensino Superior sem falar da UFRB, a Universidade que foi criada em 2005, e tem em seu quadro de estudantes 83,4% de estudantes declarados negros e 82% alunos vindos de famílias pobres. A universidade tem aproximadamente 12.345 estudantes que estão divididos em sete centros em cidades no Recôncavo da Bahia.

Falar da UFRB é também falar de Amargosa, cidade com grande potencial e que cresceu e tem essa riqueza que é o Centro de Formação de Professores (CFP). Mas vai além de instituições formais a cidade possui movimentos e um deles é o Hip Hop que inclui o Rap e as Batalhas de rima que se destacam, forma e fortalece a juventude. E o Hip hop quer que a gente siga esse caminho de independência de criar movimentos de independência de aquilombamento, de buscar principalmente os recursos públicos que são nosso pra fazer isso. (Neuronego,2020)

E esse movimento dentro do Hip Hop pra formação do meu pensamento crítico é crucial. Hoje eu sou, penso, ajo, escrevo e respiro o que o Hip hop me diz pra ser. E a gente parte dessa política de que eu sei sendo um jovem negro minha probabilidade de morrer em relação a um cara branco da mesma idade que eu é de três pra um , tá ligado? Hoje três pra um e eu tenho três vezes mais chance de morrer inocente que um cara desse e o Hip hop me ensinou como andar na rua, saber me guiar, inclusive com relação a ancestralidade da gente. (Neuronego, 2020)

Quando se fala da mensagem que os Racionais trazem é uma mensagem forte e violenta, porque reflete exatamente os momentos em que o povo preto e moradores das periferias sofrem. Com a fome e com o genocídio do povo preto, os Racionais conseguem expor os massacres tanto em massa como foi na Casa de Detenção Carandiru, ou até mesmo no genocídio nas favelas em que dizem ser troca de tiros ou bala perdida. durante os encontros foi dito que o Hip Hop tem esse intuito de formar, mas não numa forma convencional e um dos jovens diz “O hip hop tem o intuito de formar para a sobrevivência, entender que você precisa sobreviver, porque seu povo precisa ser vivo, eu só sirvo vivo”. (Neuronego, 2020). Então quando uma participante diz da mensagem forte que o grupo traz, acredita-se no impacto que irá surtir feito, transformar e também para não apagar a história.

Então, por exemplo, naquela época Racionais trouxe uma mensagem tão forte, eu costumo dizer tão forte e violenta porque era muito intenso e talvez nem todo mundo tenha entendido e eu me coloco nesse lugar de uma pessoa que não entendeu a mensagem, o lugar que

a gente vem nos forma muito e nos coloca dentro de redomas, de muros e de silenciamentos, enfim eu fui criada em São Paulo, mas eu não fui criada na periferia de São Paulo e isso faz uma diferença muito grande. (Bete, 2020)

Quando se fala de mensagem forte que os Racionais Mc's trazem percebe-se o intuito de provocar e mostrar um caminho principalmente para juventude periférica. Já quando traz Carolina Maria de Jesus pra conversa é uma visão de mundo diferente e que conversa, pois ambos buscam expor o que vive e as propostas que ambos tem para melhorar a vida do povo periférico.

A nossa fala estilhaça a mascara do silencio, incomoda. A nossa fala vai ser uma fala que incomoda, a fala de Carolina a partir do quarto do despejo e toda sua obra é uma fala que incomoda e que estilhaça de fato os silêncios e por isso que ela é tão silenciada no Brasil (Bete, 2020).

Souza (2011) diz que muitas das práticas letradas valorizadas pelos ativistas se deram em ambientes não escolarizados, sem que isso significasse aversão à educação escolar ou ao valor que ela pode ter. E nesses diálogos faz perceber que orientações de letras e de consciência são produzidas também a partir do movimento. E quando um jovem diz que foi para Universidade guiado pelo Hip Hop e cita a frase de um rapper como modelo a se seguir.

Fui pra universidade orientado pelo Hip hop, porque tem uma música inclusive do Racionais que eles gravam e que o Mano Brow ele fala no final: “Oh molecada, vamo estudar, respeitar o pai e mãe” e essa frase é uma das frases que eu guardo do Rap no geral é uma das frases que eu levo na cabeça de que eu preciso estudar e eu preciso respeitar meu passado, respeitar quem construiu o terreno que eu piso, tá ligado? (Neuronego)

Souza (2011) diz que não se trata do único elemento importante em suas vidas, mas de um engajamento significativo que fez emergir questões como coletividade sustentando as formas de reexistir, um dos convidados traz essa conexão do Rap em sua vida e traz além do que uma questão social politica, mas de uma forma sensível que engloba também a espiritualidade.

Espaços institucionais são formados de pessoas com suas especificidades e levar o Hip Hop e o Rap é uma forma de construir esse a partir de uma roda de rima, ou de uma fala na sala de aula, pode-se considerar quebrar os muros de educação que está construída para estudar alguns autores. Nesse sentido, é tocar no assunto de que

questionar quem tem poder legitimado na academia e quem são os excluídos esta explícito, nas referencias que são colocadas nos planos educacionais.

Acho que é inocente demais a gente achar que o Rap vai ser reconhecido dentro do que a academia diz que é produção de conhecimento, porque justamente é uma arte faz parte de uma cultura de um povo que não tem sua intelectualidade reconhecida, porque foi roubada a nossa dignidade o tempo inteiro em todos os espaços e em todas as esferas, a supremacia branca domina todas as instituições. (Mariana, 2020)

Para Souza (2011) foram construídas reações que possibilitaram que fossem criadas e que transformassem em fios que, de maneira heterogênea, foram sendo entrelaçados, para dar sentido às suas escolhas e para demarcar identificações e diferenciações com determinados grupos, constituindo identidades sociais.

Quando se fala de Rap na academia é um espaço de subversão mesmo, quando eu vejo que as pessoas estão levando o Rap para academia é exatamente mostrando esse potencial, esse potencial de transformação, de conversar com jovens, de acesso, de linguagem acessível com essas pessoas e de contar sua vivencia de uma forma confortável. De uma coisa que não vem do latim, eurocêntrica. (Helley,2020)

Ainda Neuro afirma: As pessoas criminalizam o Rap, ressalva que não é sobre o que você fala na música, mas quem fala e forma que tá falando. Por exemplo, fala com preto, é musica de preto é criminoso. A gente tá fora desse patamar de humanidade em que colocam a arte, porque a arte é a expressão do intelecto e do idealismo e pra eles a gente não tem isso, a gente faz apologia ao crime e que eles fazem é arte. (Neuronego,2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs apresentar resultados de investigação acerca das contribuições do Rap na formação do pensamento crítico dos jovens da periferia da cidade de Amargosa/Bahia. Para isso, foi realizada uma escuta de jovens que fazem parte do movimento Hip Hop, mais especificamente Rappers. Esta escuta se constituiu a partir do curso de extensão no qual as e os jovens foram convidadas e convidados a dialogarem sobre suas experiências no Movimento Hip Hop e as contribuições do mesmo nas suas leituras de mundo e visão crítica da sociedade.

Entre os elementos apresentados, destacaram-se a relação da vida com a composição, a formação crítica a partir do contato com os rappers, a relação com a polícia, a relação da música com as desigualdades, as contribuições com o Hip Hop, a compreensão da Rap e do Hio Hop, o movimento do Hip Hop e a academia, bem como, o processo criativo e a criminalização do movimento. Esses Jovens, mulheres e homens participaram das rodas de diálogos e apresentaram os elementos a partir das respectivas relações pessoais com o Hip Hop, com o Rap e das leituras de mundo que foram construídas a partir dos processos sociais, educacionais que foram constituídos.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude

ANDRADE, Elaine N. *Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

_____. *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999. [Links]

CARVALHO, Igor; FARIA, Glauco e ROVAI, Renato. O novo velho Mano Brown. Entrevista de Mano Brown a Igor Carvalho, Glauco Faria e Renato Rovai. *Revista Fórum*, edição 120, 2013.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.

Petrópolis: Vozes, 2006.

DAMASCENO, Francisco J. *O movimento hip-hop organizado do Ceará/ MH2O-CE (1990-1995)*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1997.

DAYRELL, Juares. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, p.40-52, 2003.

FONSECA, Ana Silvia A. da. Versos violentamente pacíficos: o rap no currículo escolar. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1996.

GUIMARÃES, Maria E. *Do samba ao rap: a música negra no Brasil*. Tese (Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

JOAQUIM, Maria S. *O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra*. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: Educ, 2001.

Loureiro, B. R. (2016). Arte, cultura e política na história do rap nacional. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (63), 235-241.

MARTINS, Rosana. *Hip-hop: o estilo que ninguém segura*. Santo André: ESETec, 2005.

Moassab, Andreia. Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do Hip-Hop. 2008. 295 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

Oliveira, Roberto Camargos de Rap e política [recurso eletrônico]: percepções da vida social brasileira. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2015. recurso digital.

ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. *Hip-hop: a periferia grita*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Ana Lúcia Silva; Letramentos de reexistência : poesia, grafite, música, dança: HIP HOP. São Paulo:Parábola Editorial, 2011.

TELLA, Marco A. *Atitude, arte, cultura e autoconhecimento: o rap como voz da periferia*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2000.

Teperman, Ricardo Se liga no som : as transformações do rap no Brasil / Ricardo Teperman. — 1a ed.— São Paulo : Claro Enigma, 2015. — (Coleção Agenda brasileira)

WISNIK, José M. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TONI C. *É tudo nosso: o hip-hop fazendo história*. Documentário. São Paulo, 2007.

Material da internet:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Visita feita: 10/06/2019 às 22:53

<https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/88492/> Visita feita: 11/06/2019 às 03:58

<https://www.youtube.com/watch?v=x4kWH5Zi-E> Visita feita: 11/06/2019 às 05:20

<https://www.geledes.org.br/o-que-e-quilombo-e-quilombola/>

Acesso em: 11/06/2019 às 4:48

https://www.purepeople.com.br/famosos/karol-conka_p550021 - Ultima visita:28/05/2020 às 23:14 horas

<https://www.geledes.org.br/o-rap-e-seus-diferentes-estilos-saiba-o-que-cinco-mcs-pensam-sobre-o-tema/> Ultima visita:28/05/2020 às 23:42 horas

<https://www.canalraprj.com.br/5-vertentes-do-rap-que-voce-deve-saber-diferenciar/> Ultima visita:28/05/2020 às 23:55 horas

<https://www.youtube.com/watch?v=Mt7S6YkosPc> ultima visita: 29/05/2020 as 13:03

<https://www.youtube.com/watch?v=Mt7S6YkosPc&t=286s> Última visita: 27/05/2020
Às 18:30

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Visita feita:
10/06/2019 às 22:53

<https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/88492/> Visita feita: 11/06/2019 às 03:58

https://www.youtube.com/watch?v=x4kWH5Zi-_E Visita feita: 11/06/2019 às 05:20

<https://www.geledes.org.br/o-que-e-quilombo-e-quilombola/>
Acesso em: 11/06/2019 às 4:48

<https://www.youtube.com/watch?v=Mt7S6YkosPc&t=286s>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Visita feita:
10/06/2019 às 22:53.

<https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/88492/> Visita feita: 11/06/2019 às 03:58

https://www.youtube.com/watch?v=x4kWH5Zi-_E Visita feita: 11/06/2019 às 05:20

<https://www.geledes.org.br/o-que-e-quilombo-e-quilombola/>

Acesso em: 11/06/2019 às 4:48

<https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/66802/>

<https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/63398/>

<https://www.lettras.mus.br/rincon-sapiencia/ponta-de-lanca-verso-livre/>

<https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/63369/>

<https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/66643/>

<https://www.lettras.mus.br/djonga/junho-de-1994/>

<https://www.lettras.mus.br/djonga/hoje-nao/>

<https://www.lettras.mus.br/dark/a-voz-de-um-pregador-part-city-black/>

APENDICE - RODAS DE CONVERSA –SINTESE DAS TRANSCRIÇÕES

	PARTICIPANTES E FALAS				
TEMÁTICA S	NEURO	JALU	MARIANA	HELLEY	GABRIEL

<p>RELAÇÃO COM A POLÍCIA</p>	<p>Uma das situações dessa letra já aconteceu aí em Amargosa, por exemplo. Eu estava em determinada quebrada de Amargosa com os parceiros e pá... movimentação na rua. E aí essa frase: “Quando a viatura dobra a esquina nosso habitat vira faixa de gaza, ele fala: - senhora coloca as crianças pra casa”. Nós tava tudo na rua tomando cerveja e batendo resenha, gritaram na esquina: “lá vem os homens, você vê a rua limpa de gente, correndo pra pegar criança, tirar os idosos da rua... De crente e ateu, drogado e traficante, ladrão e todo mundo some. As pessoas elas se sentem mais seguras em tá no meio de traficante armado, ir pra baile funk com traficante armado. Mas as pessoas não se sentem seguras quando a polícia bota o pé dentro da favela, sabe que a polícia não vai pra lá pra defender ninguém e Dark é uma das vítimas desse sistema policial.</p> <p>Desse estado que a gente tem e que acha que segurança se resume a polícia na rua, mas não investimento em educação, não investimento em saneamento básico, arte, e cultura nas periferias e em outros contextos em que a juventude negra tá colocada pra sobreviver, tá ligado? Eles não investem em educação, não investem em cultura, mas investem em polícia.</p> <p>Inclusive o governo Rui Costa, no governo dele aumentou em mais de seis mil o contingente policial da Bahia, em consequência disso o aumento da morte de jovens negros na Bahia quase triplicou no governo dele. Botando em prática o que já um modelo que já vinha de Jacques Vagner e um modelo de governo que é historicamente perpetuado, em relação a isso, porque todo mundo fala de várias paradas, mas não fala desse contexto específico que é a violência policial, ninguém quer tocar nesse assunto.</p> <p>A polícia ela é intocável dá oitenta tiros no carro, isso é a segurança pública brasileira, dar oitenta tiros no carro de</p>	<p>Eu acho que sim, a gente teve o progresso. Mas quanto sangue foi derramado, quanto dos nossos morreram pra chegar até onde a gente tá hoje, quantos estão morrendo ainda e quantos vão morrer. Alyne mesmo trouxe a estatística dos 23 minutos. É eu não consigo ser tão otimista assim com essa melhora, porque ao mesmo tempo que eu tenho esse lugar de fala, de poder soltar um som, de poder chegar aqui. Eu posso na rua tá soltando esse som também, eu posso correr o risco de passar ali na frente e uma guarnição da Peto me reconhecer, saber que eu faço esse tipo de letra, assim como eu acredito que quem é mc ou quem tá envolvido principalmente aqui na cidade, já deve ter passado por isso. Os caras reconhecer e dizer “É você que canta Rap, né” Que está falando que os caras estão matando meu irmãos, então ao mesmo tempo que eu tenho a liberdade de expressão de chegar aqui e soltar um som eu vou correr o risco de chegar na rua e tomar uns pegas dos caras porque eu tô falando a verdade, tá</p>			
---	---	---	--	--	--

<p>RELAÇÃO DA VIDA COM A COMPOSIÇÃO</p>	<p>Eu escrevia poesia, mas não colocava esse pensamento crítico social dentro das minhas poesias, era uma coisa mais intimista, mais relacionada a angústia minhas, sentimentais, pensamentos, essas coisas. Nada voltado pro mundo externo especificamente.</p> <p>(A partir do contato com os Racionais)</p> <p>A partir dali que eu fui desarmando as coisas foram acontecendo eu fui escrever, treinar, cantar o rap e comecei a consumir mais outros rappers além de racionais, Sabotage depois Mv Bill que era o que eu ouvia com mais frequência e a desvendar e a sentir essa vontade também de ser mc e aí foi quando eu fui pra Amargosa que eu realmente entrei em contato com a cultura Hip Hop.</p>	<p>Bem é, principalmente nas minhas letras eu tento trazer um pouco daquilo que o nosso povo vive e o que eu vivo, do que a gente enfrenta</p>			
--	--	--	--	--	--

<p>FORMAÇÃO O CRÍTICA</p> <p>A</p> <p>PARTIR DO CONTATO COM RAPPERS</p>	<p>Essa música que foi colocada aí, Negro Drama era uma música que na época do IF eu entrei no contexto e pra você ver a formação do pensamento crítico.</p> <p>“Foi a partir do racionais e ouvindo principalmente essa música “Negro drama” que era o que eu ouvia todo dia pra dar energia de viver ali, porque é um colégio elitizado na época que eu fiz tinha que fazer e aí a galera vinha de escola particular e essa coisa toda, passava mais fácil e ouvir essa música motivar.</p> <p>A partir dali que eu fui desarmando as coisas foram acontecendo eu fui escrever, treinar, cantar o rap e comecei a consumir mais outros rappers além de racionais, Sabotage depois Mv Bill que era o que eu ouvia com mais frequência e a desvendar e a sentir essa vontade também de ser mc e aí foi quando eu fui pra Amargosa que eu realmente entrei em contato com a cultura Hip Hop.</p> <p>Agora que eu to entrando já na questão que é mais a minha área dentro do hip hop que é o rap e a poesia eu já digo assim o rap ele é um dos principais instrumentos do hip hop de cooptação, é pelo rap que eu cheguei ao hip hop e a maioria das pessoas que chegam a cultura hip hop, chegam através do rap, é o rap que faz você acordar primeiro, é através da música é no momento ali de entretenimento onde você passou por um b.o alguém lhe humilhou aí você para pra ouvir aquela música e aí o cara dar uma ideia que você castela que porra, mas eu acabei de passar por isso. E aí que você lembra que tem mais coisa aí pra perceber, aí voce lembra pra perceber que tem mais coisa aí do que voce imaginava, do que você pensava e provavelmente racionais é um dos grupos que eu vou morrer e não vou conseguir entender tudo que eles disseram, porque os caras fez um dos discos dos caras é tão bem feito, é uma escrita uma colocação de ideia e ensinamentos tão pertinentes, histórias tão bem contadas que vira livro é um clássico do</p>				
--	--	--	--	--	--

RELAÇÃO DA MÚSICAS COM AS DESIGUALDADES	Ouvir Negro drama naquela época me dava energia pra entender porque que tava acontecendo e foi nessa época que eu passei entender o Racionais, porque eu ouvia antes disso mais a partir daí eu comecei entender, porque comecei a entender, porque eu comecei a me questionar por que os outros não eram tratados dessa forma.				
--	---	--	--	--	--

**AS
CONTRIBU
IÇÕES DO
HIP HOP**

E esse movimento dentro do Hip hop pra formação do meu pensamento crítico é crucial hoje eu sou. Penso, ajo, escrevo e respiro o que o Hip hop me diz pra ser. E a gente parte dessa política de que eu sei sendo um jovem negro minha probabilidade de morrer em relação a um cara branco da mesma idade que eu é de três pra um , tá ligado? Hoje três pra um e eu tenho três vezes mais chance de morrer inocente que um cara desse e o Hip hop me ensinou me ensinou como andar na rua, saber me guiar, inclusive com relação a ancestralidade da gente.

O Hip hop me ensinou que também tem esse plano que não é só o plano concreto aqui da vida social de olhar as práticas que tem esse plano espiritual que vem da nossa ancestralidade e do nosso passado que vem da nossa ancestralidade e do nosso passado que a gente precisa cuidar, porque é refletindo sobre o passado que a gente entende o presente e que nos motiva as nossas ações pra modificar o futuro. E é o que o Hip hop se propõe em ser uma independente de ar de cultura, porque quando a gente fala de graffite, de rap, de skate, de slam, de batalha e de uma infinidade de outras coisas de Dj, de muita coisa que tá por trás disso.

O Hip hop me trouxe a consciência de que é feminicídio, solidão da mulher negra, genocídio do povo preto, espetemicídio.

Hip hop me trouxe de ensinamentos de pensamento crítico e que eu acho que forma a base da juventude negra brasileira hoje

E o Hip hop ele forma a juventude negra pra pensar dessa forma uma juventude que vai pensar dessa forma, uma juventude que vai pensar que aqui oh você precisa respeitar quem vai pro baile funk e quem vai rebolar sua raba em um paredão de pagode o Poeta e o caramba, porque isso é

Eu não consigo ser tão otimista assim quando o nosso sangue ainda tem sido derramado, eu sei que a qualquer momento eu posso ser morto, confundido com um suspeito com um bandido, eu não consigo envergar tanto, porque a gente vive em um país extremamente racista, em um país branco e o único progresso que eu vejo é a união dos pretos, tá ligado? O progresso que a gente teve, foi a gente. Eu reconheço sim esse progresso, mas ao mesmo tempo desanima a gente, porque a gente sabe da realidade que a gente tá inserida né, a gente sabe do que a gente ainda pode tá sofrendo. Então, tem o progresso sim, mas acho que de certa forma não progride tanto assim não.

É uma guerra que a gente sabe que vai demorar pra vencer, que não vai ser eu, nem você, nem os nossos netos que vai tá desfrutando desse mundo que a gente almeja, mas a gente sabe que é necessário o nosso sangue pra vencer essa guerra, até por não querer, mas um dia a gente chega lá, vai demorar

**EXPLICAN
DO
O
RAP
E
O
HIP HOP**

Pra você ver é claro que dentro do Rap, quando eu falo Rap, existem vários tipos de Rap e aí tem aqueles que não esboçam uma consciência política, mas que pertence a cultura Hip hop pertence ao nosso movimento é na cultura Hip hop pertence ao nosso movimento é na cultura negra e a gente também tem que entender que não é só porque a gente passa por todas essas mazelas que tudo que a gente faz tem que ser político, a gente também precisa de entretenimento, de diversão, de sorrir, porque ninguém consegue viver o tempo todo só lutando

.....

E o Hip hop ele me trouxe pra mim essa visão de que a gente precisa ser essa coisa, uma peça dentro de um estrutura que é muito maior do que a gente pensa e o que a gente é, eu só sou um poeta, mc dentro de um movimento que tem tanta gente que só dentro desse DDD é tanta gente que eu não conheço todo mundo e olha que eu conheço muita gente

.....

O movimento ele quer criar relações independente o movimento não quer chegar na prefeitura e pedi para prefeitura fazer uma batalha na pista, o movimento ele quer que a galera se une e vai lá e faça com caixinha de som e boca, no bilboks, com luz, sem luz, chovendo, com coronavírus, sem coronavírus e se depender da prefeitura isso nunca rola

Sentido o Hip hop ele induz o jovem a se reconhecer dentro do contexto em que ele tá passando por determinadas coisas e o que ele pode fazer pra ir esquivando, se desviando e ir retardando sua morte.

O Hip hop ele num tá focado em ganhar dinheiro e mudar a sociedade no geral e nem nada, o Hip hop ele tá focado na

<p>O HIP HOP E O RAP SALVA</p>	<p>E pra vários parceiros que andava errado, andava na vida, que tava traficando que tava roubando que o caramba e que tem no Rap e no Hip hop hoje um motivo pra se manter longe disso tudo e não é uma coisa que é um, dois ,três são várias cabeças.</p> <p>Inclusive eu sou um desses que o Hip hop resgatou que podia tá inclusive perdido ou morto, a essa altura do campeonato, tá ligado?</p> <p>E quando eu abracei a cultura, a cultura me abraçou e eu tomei outro rumo e conheci lugares, conheci pessoas, aprendi coisas. Fui pra universidade orientado pelo Hip hop, porque tem uma música inclusive do Racionais que eles gravam e que o Mano Brow ele fala no final: “Oh molecada, vamo estudar, respeitar o pai e mãe” e essa frase é uma das frases que eu guardo do Rap no geral é uma das frases que eu levo na cabeça de que eu preciso estudar e eu preciso respeitar meu passado, respeitar quem construiu o terreno que eu piso, tá ligado?</p> <p>Agora no momento que eu tô vivendo e no momento em que esse país tá, eu sou obrigado pela minha cultura e pela cultura que eu abracei, a entender que toda vez que eu paro pra escrever, eu tenho uma responsabilidade no que eu tô dizendo, alguém vai me ouvir e aí? Essa pessoa que vai me ouvir, como que ela vai perceber que eu tô falando, o que eu tô passando pra essa pessoa, o que eu tô dizendo pra ela? isso vai somar vai melhorar? vai dar estratégia de sobrevivência pra ela? Ou vai conduzir ela pra um caminho que eu não iria, entende? E o Hip hop quer que a gente siga esse caminho de independência de criar movimentos de independência de aquilombamento, de buscar principalmente os recursos públicos que são nosso pra fazer isso</p>	<p>Mas eu comecei assim, escutando Rap mesmo, fui gostando entendendo como funciona e mudou bastante na minha vida, porque mudou né? Muda tudo, o Rap salva, o HipHop salva. Mudou em eu ter pegado outras visões que eu não tinha, tá ligado? Hoje meu pensamento ele é bem mais construído, bem mais assim, na linha mesmo é por causa do Rap que eu busco mais conhecimento, por causa do Rap eu busco ter mais contatos com as pessoas, por causa do Rap, ajudar outras pessoas, então me deu outra visão de mundo, outra visão do que fazer, qual é o meu papel aqui. Eu agradeço demais ao HipHop porque o HipHop salva.</p>			
---	--	--	--	--	--

<p>COMO CONHECI O RAP</p>		<p>Conheci a partir, acho que como todo mundo aqui que curte Rap, a partir de Racionais Mc´s. Fui escutando e aí fui criando gosto e me ajudou bastante nesse processo, porque você começa pegar visão das letras, começa a gostar, querer fazer também , sempre gostei de rimar, brincava com os meus amigos na escola de rimar um gastando o outro e fui criando esse gosto.</p>			
--	--	--	--	--	--

**O
QUE
CONSTRUI
MOS
A
PARTIR
DO HIP
HOP**

Conhecendo outros grupos de Rap também e no ano de 2018, final de 2018 a gente fundou a Batalha da Pista, né? Que é um movimento de HipHop daqui da cidade, que tem como intuito fazer as batalhas de Rap, que é um Mc batalhando contra o outro, batalha de sangue batalha tradicional.

E foi a partir daí que eu digo mesmo que comecei atuar na no cenário do Rap, no cenário do HipHop pra tá levando o meu trabalho e foi a partir da Batalha na pista que eu criar interesse por soltar som e foi da Batalha da pista que veio a vontade de tá colocando aqui na cidade um Home Studio em que a galera pudesse tá fazendo seu trabalho, fazendo seu trabalho, porque aqui não tinha né. E aqui hoje na cidade a gente tem A toca e surgiRap com Billy e a galera pode tá chegando, gravar seu som, mostrar o seu trabalho.

**O
MOVIMEN
TO
E
A
ACADEMI
A**

Acho que é inocente demais a gente achar que o Rap vai ser reconhecido dentro do que a academia diz que é produção de conhecimento, porque justamente é uma arte faz parte de uma cultura de um povo que não tem sua intelectualidade reconhecida, porque foi roubada a nossa dignidade o tempo inteiro em todos os espaços e em todas as esferas, a supremacia branca domina todas as instituições. Então é um tanto inocente a gente pensar isso, porque já esta havendo uns professores que estão

Quando se fala de Rap na academia é um espaço de subversão mesmo, quando eu vejo que as pessoas estão levando o Rap para academia é exatamente mostrando esse potencial, esse potencial de transformação, de conversar com jovens, de acesso, de linguagem acessível com essas pessoas e de contar sua vivencia de uma forma confortável. De uma coisa que não vem do

<p>PROCESSO CRIATIVO</p>	<p>Meu jeito de escrever, eu sou osmótico, eu canalizo tudo que eu vivo pra escrita, de bom, de ruim de tudo. Eu consigo escrever da boca pra fora, mas eu não mostro e nem gravo, eu escrevo só pelo habito de escrever, porque eu criei o habito de escrever, eu escrevo todo dia. Porque quando eu não faço eu não me sinto bem e se eu tiver de bad e com problemas aí que eu vou escrever mesmo, toda hora eu tenho que colocar no papel, eu sinto a necessidade de cuspir isso.</p>	<p>No processo criativo eu não consigo escrever da boca pra fora, eu gosto de escrever algo para passar a visão, geralmente quando eu tô escrevendo é quando aconteceu alguma coisa muito importante que tá ali passando na mente ou quando bate a vontade de escrever. Eu acho que depende muito do meu estado de espirito. Acho que quanto mais problemas na cabeça, mas sai.</p>	<p>Diz que algo precisa levar ela a escrever, meu processo criativo é mais lendo e mais demorado, mas as vezes é sobre as cobranças que eu me faço, as vezes escrevo todo dia, mas só mostro pra alguém como é algo que realmente considere elaborado, que realmente tenha acontecido o processo criativo.</p>		<p>Diz que depende da época, tem época que escreve uma música em trinta minutos ou um cd em um dia. Mas tem vezes que fica quinze dias sem escrever nada, faz uma linha e não sai mais nada.</p>
---------------------------------	---	---	--	--	--

**CRIMINAL
IZAÇÃO**

As pessoas criminalizam o Rap, mas tem músicas que falam de assuntos parecidos, mas a sociedade não julga ou criminaliza, pois é um cara branco cantando. Ele traz o exemplo da música Faroeste Caboclo de Legião Urbana. Pois Renato Russo conta a história de um criminoso, mas ele não é taxado como criminoso ou diz que a musica dele estava fazendo apologia ao crime ou algo do tipo. Ressalva que não é sobre o que você fala na música, mas quem fala e forma que tá falando. Por exemplo, fala com preto, é musica de preto é criminoso. A gente tá fora desse patamar de humanidade em que colocam a arte, porque a arte é a expressão do intelecto e do idealismo e pra eles a gente não tem isso, a gente faz apologia ao crime e que eles fazem é arte.

Independente do que eu seja e do que eu faça vei o estigma já tá claro na pele já, dos pés a cabeça, essa pele aqui ó, essa cor aqui ó, eu não tenho como cobrir isso aqui, tá ligado?

A população preta é quem se encontra em maior número encarcerado, então Diário de um detento é uma letra bem pesada, no sentido de mostrar o que milhões de irmãos estão passando lá dentro.

A gente sabe que é preto é visto como bandido, como criminoso e é algo instituído, automaticamente a pessoa lhe ver na rua ela já vai tá pensando isso né? Quem é que nunca sentiu aquele olhar diferente quando você tá passando na rua, aquele olhar diferente quando você entra numa loja, o jeito que as pessoas lhe atende, tá ligado?

Eu não consigo ser tão otimista assim quando o nosso sangue ainda tem sido derramado, eu sei que a qualquer momento eu posso ser morto, confundido com um suspeito com um bandido, eu não consigo envergar tanto, porque a gente vive em um país extremamente racista, em um país branco e o único progresso que eu vejo é a união dos pretos, tá ligado? O progresso que a gente teve, foi a gente. Eu reconheço, sim, esse

Acredito que nós estamos em uma fase em que as pessoas estão nos tolerando, pois elas não estão nos aceitando de boas, seja na música, na religiosidad e e tals.

--	--	--	--	--	--